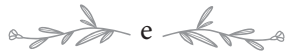


# a livraria de bloomsbury

natalie jenner

Tradução de Sónia Maia

Para a minha filha,  
a Evie original



em memória de  
Malkit Leighl,  
o melhor dos homens



Toda a vida que merece ser vivida é difícil... é um sub-produto de uma vivência corajosa, e nunca surge sob a forma que esperamos, ou na estação que desejávamos, ou como resultado dos nossos planos.

— KATHERINE ANNE PORTER

Esta sensação, de toda a gente trabalhar para, ou com, ou em volta das mesmas pessoas, era o mais maravilhoso de Londres.

— ADAM GOPNIK

O pior de uma livraria é que tem de ser tudo ou nada.

— NANCY MITFORD



## DENTRO DA LOJA



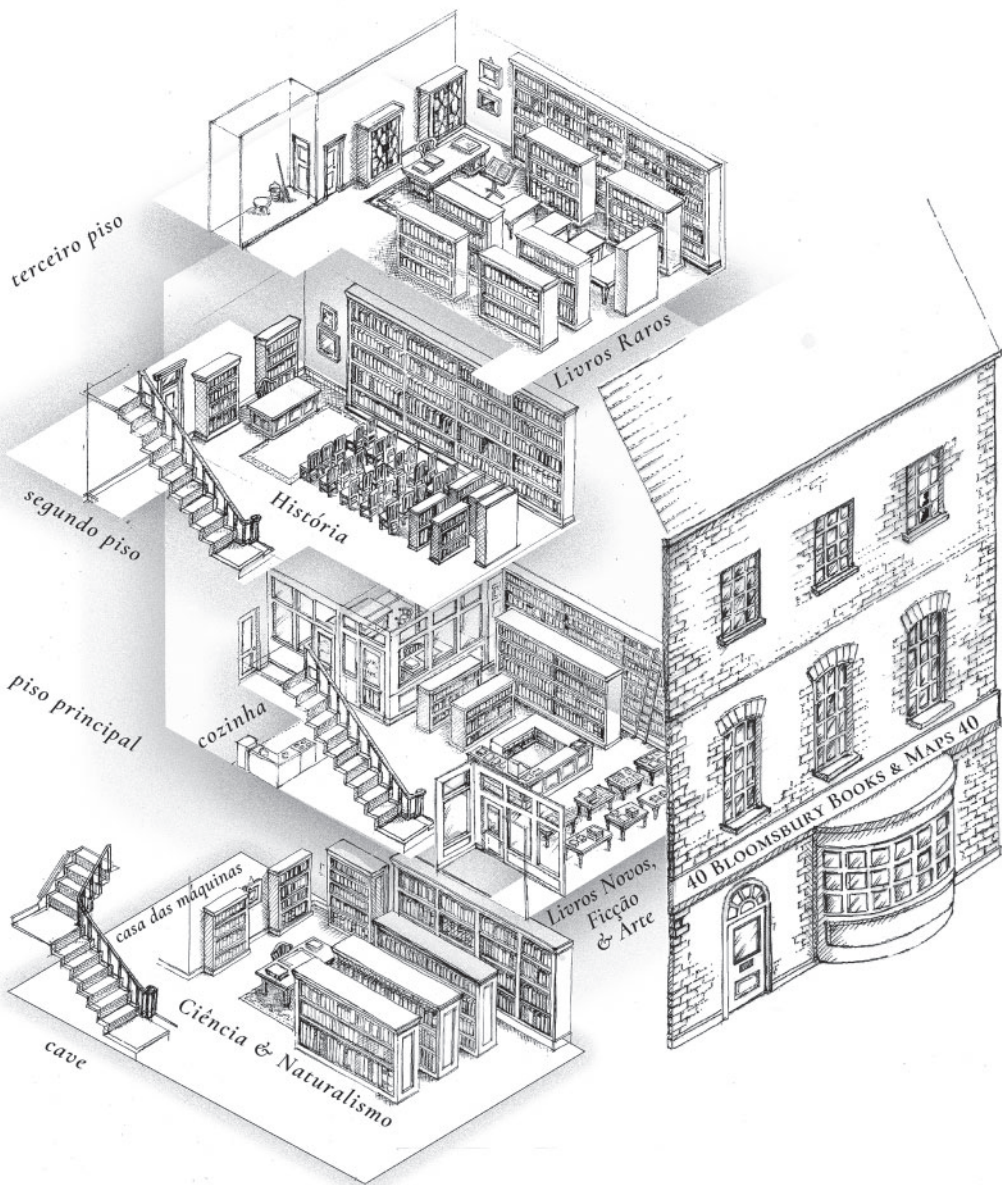
Evelyn Stone — Antiga criada & licenciada em Cambridge  
Grace Perkins — Secretária do diretor-geral  
Herbert Dutton — Diretor-Geral  
Vivien Lowry — Funcionária insatisfeita  
Alec McDonough — Chefe de Ficção  
Ashwin Ramaswamy — Chefe de Ciência & Naturalismo  
Frank Allen — Chefe de Livros Raros  
Mestre Marinheiro Simon Scott — Chefe de História

## FORA DA LOJA



Fredrik Christenson — Vice-Reitor do Jesus College, Cambridge  
Lorde Baskin — Dono da Bloomsbury Books  
Ellen Doubleday — Viúva do editor americano Nelson Doubleday, Sênior  
*Lady* Browning — Aristocrata & autora inglesa  
Sonia Brownell Blair — Viúva de George Orwell  
Mimi Harrison — Estrela de cinema  
Samuel Beckett — Dramaturgo irlandês  
Peggy Guggenheim — Herdeira & colecionadora americana  
Stuart Wesley — Assistente de investigação do Vice-Reitor Christenson  
Yardley Sinclair — Diretor de serviços museológicos na Sotheby's  
Elsie Maud Wakefield — Vice-Conservadora do Herbário Kew  
Dr. Septimus Feasby — Conservador principal de livros impressos no Museu Britânico  
Robert Kinross — Membro júnior do Conselho Diretivo do Jesus College, Cambridge









## PRÓLOGO



*Cambridge, Inglaterra*  
*19 de dezembro de 1949*

**E**vie Stone estava sentada, sozinha, no seu pequeno estúdio, no extremo norte de Castle Street, o mais longe da faculdade que um aluno podia viver sem deixar de ser *residente* em Cambridge. Mas Evie já não era aluna — continuava na universidade para além do tempo que lá devia ter permanecido. Os quarenta minutos seguintes determinariam por quanto mais tempo poderia prolongar essa situação.

A única janela do quarto encontrava-se entreaberta, deixando entrar o ar fresco de dezembro, que estava prestes a vibrar com o som dos sinos de Great St. Mary's a darem as duas horas, precisamente a cinco quilómetros dali. A entrevista com o Membro Sénior do Conselho Diretivo Christenson estava marcada para vinte minutos depois dessa hora — exatamente o tempo que levaria a chegar ao Jesus College. Evie tinha sempre as suas caminhadas perfeitamente cronometradas.

Christenson marcava as suas entrevistas para vinte minutos depois da hora certa, uma das muitas famosas excentricidades por que era conhecido. Os alunos referiam-se, jocosamente, a este planeamento como HMC, ou Hora Maldosa de Christenson. Com ruidosos sinos de St. Mary's ou sem eles, Evie teria adivinhado o minuto exato quase ao segundo. Aperfeiçoara esta capacidade enquanto criada na Casa Grande de Chawton, onde, durante dois anos, catalogara em segredo a biblioteca da família. Sem o privilégio de um relógio, passara horas, todas as noites, a folhear os 2375 livros que a compunham, página a página. A uma distância de uns bons sessenta centímetros, Evie conseguia agora observar qualquer obra, de um tomo da era de

Gutenberg a um documento copiado a papel químico, e prever não só quanto tempo demoraria a resumir o seu conteúdo, como a ler cada página na diagonal. Mantivera estas capacidades em segredo. Há muito que sabia quanto valia ser-se subestimada.

A faculdade masculina que a rodeava só conhecia Evelyn Stone como um membro sossegado, modesto, mas surpreendentemente franco, da primeira turma de mulheres a que fora permitida a licenciatura em Cambridge. Depois de três anos de estudos extenuantes no exclusivamente feminino Girton College, Evie recebera honras de distinção pelos seus esforços, que incluíam um longo estudo sobre a contemporânea de Austen, *Madame de Staël*, e tornara-se uma das primeiras licenciadas femininas na história de oitocentos anos daquela universidade.

O obstáculo seguinte era Christenson.

Ele precisava de um assistente de investigação para o segundo trimestre, e Evie candidatara-se antes de qualquer outra pessoa. Ela também precisava daquele emprego mais do que qualquer outra pessoa. Desde que se licenciara com distinção em Inglês, auxiliava o Membro Júnior do Conselho Diretivo Kinross com as suas anotações, que já duravam há anos, do romance de 1848 de William Makepeace Thackeray, *A Feira das Vaidades*. Com este projeto finalmente a aproximar-se do fim, estava previsto que o estipêndio atual de Evie terminasse no último dia de 1949. Como nova assistente de investigação de Christenson, Evie poderia continuar a passar incontáveis dias sozinha, sem supervisão, trabalhando metodicamente nas mais de cem bibliotecas da universidade — uma perspetiva que lhe parecia mais atrativa do que qualquer outra, nesta fase da sua carreira académica.

Assim que os sinos começaram a tocar, Evie — já vestida com o seu grosso casaco de lã, que usava no inverno — levantou-se, pegou na mala de couro e dirigiu-se à porta. Vinte passos rápidos rua abaixo, cinco minutos e meio até passar a Estalagem Castle, e depois mais dez até ver a curva do rio Cam. Aí, a Ponte dos Suspiros pairava sobre o rio, gótica e imperiosa, com um rendilhado de pedra nas janelas abertas destinado a impedir os alunos de por aí se introduzirem. Este era o tipo de disparates do *campus* a que Evie nunca desejaria juntar-se — e para o qual nunca seria convidada.

Jesus College, o destino imediato de Evie, era rico em história, tendo sido fundado em 1496 no local de um antigo convento. A erva por baixo dos pés de Evie era mantida alta há séculos, refletindo o seu uso histórico como forragem. Durante a Segunda Guerra Mundial, haviam sido construídos abrigos em betão sob os jardins para proteção dos ataques aéreos alemães.

Desta forma, aquela universidade medieval começara a ostentar as cicatrizes da existência moderna, assim como os seus frutos: poucos anos depois, as mulheres de Cambridge podiam, finalmente, licenciar-se.

Evie não pensava em nada disto enquanto atravessava os terrenos da instituição. Em vez disso, o seu cérebro acompanhava o ritmo dos passos com que esmagava o relvado coberto de geada sob as botas leves. Com cada passo rápido e bem medido, a sua mala de couro gasto batia-lhe firmemente na anca, pesada com o trabalho que continha: quase cem páginas dissecando a individualidade e a resistência nas obras de de Stäel em que Evie não poderia ter-se saído melhor, tendo recebido a nota máxima. A mala também continha uma carta de referência do Membro Júnior do Conselho Diretivo Kinross. Neste ponto, Evie poderia ter conseguido melhor, mas não sabia que isso seria necessário.

Mimi Harrison escrevera a Evie no início desse outono, prevendo que esta viesse a precisar de emprego. Mimi incentivara a jovem a aceitar uma carta de recomendação do seu marido, que terminara recentemente uma cátedra de três anos no Jesus College e regressara a Harvard com a sua nova mulher.

— Mas eu só o vi uma vez — respondera Evie a Mimi pelo telefone, na sala de convívio do andar inferior.

— Que disparate — retorquira Mimi, com um tom indulgente na voz. — Quando cheguei a Hollywood, há vinte anos, levava uma carta do meu antigo sócio do meu pai no escritório de advogados, e só o vira uma vez antes disso. Além disso, o Geoffrey quer desesperadamente ajudar-te.

— Mas porquê? Ele não... quero dizer, ele não... me... conhece. — Evie recaía muitas vezes no vernáculo de Chawton quando conversava com Mimi, cuja amizade permanecia fortemente enraizada no tempo que tinham passado juntas naquela pequena aldeia agrícola.

Mimi rira-se, tentando sempre manter a ligeireza junto daquela jovem tão séria.

— Mas ele conhece-me *a mim*, e sabe que eu reconheço uma pessoa decente quando a vejo.

Ainda assim, Evie recusara. E, apesar disso, Mimi enviara-lhe a carta, tal como fazia tantas vezes com bilhetes para o teatro, e para o comboio, e com as várias outras coisas que tentara oferecer à rapariga ao longo dos anos. A generosidade de Mimi Harrison, uma famosa atriz de cinema e teatro, não tinha limites.

Mas o orgulho de Evie também não os tinha. Por isso, naquele dia levava,

em vez disso, a carta de referência do Professor Kinross. Kinross distribuía muitas dessas cartas todos os trimestres, mas a pobre Evie não sabia disso. Ficara muito satisfeita quando ele lhe oferecera uma. Fizera um excelente trabalho de investigação para ele com as suas anotações de *A Feira das Vaidades*, e ele chamara-lhe competente e eficiente. Com certeza isso seria suficiente para o Membro Sénior do Conselho Diretivo Christenson.

Eram agora 14:22 e Evie estava sentada, sentindo-se mais pequena do que nunca, na grande cadeira giratória em frente da qual se decidiria o seu futuro. Christenson pousou a carta de Kinross, deu umas palmadinhas no topo das cem páginas sobre de Staël e suspirou.

— Esta investigação... todas estas autoras femininas obscuras. Nem mesmo de Stäel se compara a George Eliot.

Evie achou este comentário interessante, dados os reconhecidos conhecimentos de Christenson sobre o último.

— Afinal, o creme vem sempre ao de cima, não é? — Recostou-se na cadeira. — E o estudo que aqui traz... sobre o Sr. Thackeray...

Evie endireitou-se na cadeira. Orgulhava-se especialmente do trabalho de investigação que fizera para o Professor Kinross, e que realizara em conjunto com Stuart Wesley, outro recém-licenciado. Kinross elogiara-a pelas notas que tirara e pelos índices impressionantes que elaborara para apoiar as suas anotações. Encorajara-a a passar o máximo de tempo possível com as fontes originais, frisando com frequência como uma investigação rigorosa era essencial para todo o projeto.

— O seu colega, o Sr. Wesley, contribuiu com uma grande parte, segundo percebi.

Evie endireitou-se ainda mais.

— Contribuímos os dois.

Christenson fez uma pausa, estreitando os olhos face tanto à falta de compostura dela como à carta de referência demasiado familiar que tinha diante de si. Kinross não fazia um grande favor a qualquer dos seus alunos com aquelas pequenas missivas rotineiras.

— Sim, bem, compreendo que fez a investigação, e tudo isso, mas a escrita... — Christenson sorriu, com uma jovialidade tão invulgar nele que Evie começou, finalmente, a preocupar-se. — Como sabe, do que preciso é de uma certa facilidade com palavras, com, ah, a *linguagem*. — Proferiu a última palavra com uma sílaba suplementar no meio, e Evie tomou ainda mais consciência do seu sotaque rural, que, ao contrário, encurtava todas as palavras.

— O que pode não saber é que vou assumir o cargo do Vice-Reitor

Bolt no Ano Novo. Menos tempo fica para a minha escrita, uma pena. — Christenson pegou nos papéis que tinha à sua frente, bateu decididamente com as extremidades inferiores das folhas contra o mata-borrão sobre a sua secretária a abarrotar e devolveu-lhe o trabalho de um trimestre inteiro.

— Obrigado, Menina Stone, pelo seu tempo. — Fez um rápido aceno de cabeça na direção da porta fechada do seu gabinete, o que toda a gente sabia ser a sua deixa para que os visitantes saíssem, e Evie assentiu ligeiramente com a cabeça antes de partir apressadamente.

No caminho para casa, começou a nevar. As montras das lojas e dos *pubs* brilhavam com a luz vinda lá de dentro, dos lustres elétricos dourados que contrastavam suavemente com a escuridão do início do inverno que começava a alastrar. Contudo, para Evie, o dia já estava total e terrivelmente terminado. Não sentiu os minúsculos flocos de neve que caíam em volta da sua cabeça descoberta e dos seus ombros — não reparou nas figuras que se apressavam de volta a casa, nos cestos cheios de produtos racionados, nos embrulhos de papel pardo que faziam lembrar a semana de Natal cada vez mais próxima. Em vez disso, embrulhou-se mais no casaco, perguntando-se o que acabara de acontecer, refletindo nisso sem parar. Sabia agora que algo lhe escapara, não só no tempo que passara com Christenson, mas também em todo o que passara com Wesley e Kinross. Sentiu uma sensação de desconfiança começar a emergir da sua confusão, o que a incomodou pelo seu surgimento súbito — e tardio.

Evie sabia que trabalhara com mais afinco do que qualquer outro aluno nos últimos três anos. As suas notas refletiam isso. Christenson nunca encontraria uma melhor assistente. E, no entanto...

Parou em frente da montra da Estalagem Castle. Lá dentro, via alunos a rir e a beber, empilhados em diferentes mesas, comemorando o último dia do trimestre e as festividades de Natal, já em pleno decurso. Ficou ali parada por algum tempo, a observar através do vidro gelado, certa de que ninguém daria pela sua figura pequena e indistinta envolta pela noite salpicada de neve.

Quando Evie voltou para o seu estúdio, no extremo norte de Castle Street, a carta semanal da sua mãe estava sobre o tapete usado, a poucos passos da soleira da porta. Evie pendurou a sacola de couro no seu gancho oleado no bengaleiro, que não sustinha mais nada além do seu robusto guarda-chuva preto, e depois ficou de pé, hesitante, no meio da sala de estar, olhando em volta. Teria de começar a fazer as malas em breve. Não fazia ideia de para onde iria.

Os seus irmãos estavam todos espalhados longe de casa, exceto o mais

novo, Jimmy, que só tinha dez anos. O pai morrera há dois anos de uma infecção na perna direita, já coxa, que ele demorara uma semana a mostrar ao médico local. Depois disso, a quinta da família fora, finalmente, vendida, e a sua mãe e Jimmy tinham-se mudado para uma pequena casa com dois quartos no piso térreo, outros dois no andar de cima e um terraço, na rua principal da aldeia. Mas Evie não trabalhara tanto para voltar para trás.

Aproximou-se da cómoda alta, cujas gavetas de cima transformara num arquivo improvisado, já que tinha poucas roupas para lá guardar. Abriu a primeira gaveta e começou pelo A. Avançou rapidamente, analisando cada cópia a papel químico, cada folha de papel de carta, cada cartão de visita e cada panfleto que guardara ao longo dos anos. Nunca deixava nada fora.

Quando chegou ao AL, encontrou o pequeno cartão de um Sr. Frank Allen, Comprador de Livros Raros, Bloomsbury Books & Maps, 40, Lamb's Conduit, Bloomsbury, Londres. O Sr. Allen fora-lhe apresentado por um conhecido mútuo, Yardley Sinclair, durante o histórico leilão do conteúdo da biblioteca da Casa Grande de Chawton, realizado pela Sotheby's no outono de 1946. Juntamente com Mimi Harrison, Yardley Sinclair e Evie tinham sido membros fundadores do Clube Jane Austen, que adquirira a biblioteca como parte dos seus esforços para salvar o chalé Chawton, onde Austen vivera. Durante o leilão, Allen licitara e adquirira um punhado de livros do século XIX para a loja de Londres onde trabalhava. Como diretor-adjunto de vendas de património da Sotheby's na altura, Yardley apresentara, orgulhosamente, Evie a todos os negociantes e agentes presentes no leilão. Lembrava-se de como Allen elogiara brevemente o seu catálogo manuscrito, meticulosamente elaborado, que Yardley também mostrava a toda a gente.

Evie fitou as letras prateadas gravadas sobre o cartão de um branco frio, passando os dedos curtos e manchados de tinta pelo nome em relevo. Ouviu os sinos de Great St. Mary's darem as três e meia. Ali de pé, com o casaco de lã vestido, sentiu uma corrente de ar frio que entrava na sala vinda da janela que deixara aberta. A sacola pendia do seu poleiro solitário; a carta da mãe continuava no chão, por abrir. Ouviu a palavra *lin-gua-gem* ainda a ressoar-lhe na cabeça, e depois inspirou fundo, com toda a confiança e certeza que conseguiu reunir.

Não voltaria para trás; não olharia para trás.

## CAPÍTULO 1



### • REGRA Nº 17 •

O chá será servido pontualmente quatro vezes por dia.

— **O** Tirano chama. Grace levantou os olhos da sua pequena secretária ao fundo da loja. Ali, organizava todo o tipo de coisas a que os funcionários chamavam *pincéis*: as pilhas de cartas, pedidos, anúncios, publicações científicas, jornais, cartões de visita, catálogos, revistas, comunicações, convites e todos os restantes papéis efémeros que mantinham a Bloomsbury Books ligada ao mercado e ao mundo exterior.

A sua colega Vivien estava parada à porta, balançando a chaleira na mão direita. Era uma manhã de segunda-feira, e Vivien fazia sempre o lanche do meio da manhã no primeiro dia da semana.

— E agora o fusível do fogão avariou-se outra vez. — Fez uma careta. — Sabes que eles não funcionam sem o seu chá. Hoje, o Tirano está com uma *disposição* especial.

O Tirano tinha um nome, mas Vivien recusava-se a pronunciar-lo em privado, e Grace dava por si, muitas vezes, a não o fazer também — o que era apenas um exemplo de como a atitude de Vivien no trabalho influenciava, por vezes, a sua. Grace levantou-se e empilhou uma resma de folhas, muito direitas, à sua frente.

— Se ele alguma vez te apanhasse a chamares-lhe isso...

— Não pode. Não consegue ouvir nada além do som da própria voz.

Grace abanou a cabeça na direção da mulher mais jovem e escondeu um sorriso. Trabalhavam juntas na livraria desde o fim da guerra, e a amizade de Vivien era uma das principais razões por que Grace ainda ali estava. Bem,



isso e o salário, claro. E o facto de o seu marido, desempregado, não poder levar-lhe a mal a oportunidade de o ganhar. E o tempo longe dos filhos, tão exigentes. E o medo de mudanças drásticas. Afinal, parecia a Grace que ainda ali estava por bastantes razões. Não sabia bem quais seriam as razões de Vivien.

— O Dutton ainda não chegou? — perguntou Vivien, deitando um olhar para além de Grace, para o gabinete vazio por trás dela.

Vivien nunca dera uma alcunha a Herbert Dutton, o diretor-geral de longa data da loja, quanto mais uma designação carinhosa. Não era o tipo de homem que valesse a pena catalogar, sendo, já de si, tão contido.

— Está no médico.

— Outra vez?

Vivien arqueou ambas as sobrancelhas, mas Grace limitou-se a encolher os ombros em resposta. Sendo as duas únicas empregadas femininas da Bloomsbury Books, Grace e Vivien tinham aprimorado a arte da expressão silenciosa, comunicando, muitas vezes, apenas através de uma sobrancelha erguida, de um puxão no lóbulo da orelha ou de um gesto da mão mal disfarçado.

Vivien pousou a chaleira no cimo de um arquivo próximo e as duas dirigiram-se, em silêncio, à cave. Sempre que caminhavam juntas pelos corredores da loja, as suas alturas semelhantes e roupas feitas à medida davam-lhes uma aparência indómita que fazia o pessoal masculino encolher-se instintivamente. Eram ambas invulgarmente altas, embora de tipos físicos muito diferentes. Grace tinha ombros largos que dispensavam os chumaços tão em voga na época, um rosto aberto e sem maquilhagem e uma tez cor de pêsego cremoso — a única coisa que herdara de uma família que cultivara os montes mais altos de Yorkshire durante gerações. Vestia-se de uma forma simples que acentuava a sua altura: linhas direitas em casacos de estilo militar e saias-lápis, com sapatos de salto baixo, feitos para caminhar. As suas feições mais delicadas eram os olhos calmos e cinzentos e o cabelo castanho e fino, com apenas um ligeiro reflexo acobreado, que mantinha sempre bem apanhado no cimo da cabeça.

Por outro lado, Vivien era angular e esguia como uma gazela, e igualmente rápida a reagir quando impaciente ou desagradada. Preferia vestir roupas pretas e justas, monocromáticas — geralmente saias de lã e camisolas, enfeitadas por uma vistosa pregadeira de ametista vitoriana, a sua única herança de uma avó que muito amara. O rosto de Vivien estava sempre carregado de maquilhagem, até de forma intimidante, o que não deixava de

ser intencional: ao parecer tão dona de si mesma, conseguia manter todos os outros à distância.

No caminho para a cave, as duas mulheres passaram pelo gabinete envidraçado, nas traseiras, que pertencia ao Sr. Dutton, que era, ao mesmo tempo, o diretor-geral da loja e o seu empregado mais antigo. Para chegarem às escadas mais recuadas, que Vivien apelidara de Via Inferno, tinham de passar junto às torres de caixas de livros empilhadas que eram entregues todos os dias vindas de diferentes editores, leilões, liquidações totais e vendas de património em toda a Inglaterra Central e para além desta. A loja vendia, em média, quinhentos livros por semana, por isso era necessária uma reposição de estoques saudável e frequente vinda de todas essas fontes.

O fusível defeituoso estava na sala das máquinas, que era adjacente ao pouco visitado Departamento de Ciência & Naturalismo. Toda a cave estava extemporaneamente quente e húmida devido ao mau funcionamento da caldeira anterior à guerra. Através da porta aberta da casa das máquinas, Grace e Vivien viram os pequenos óculos com aros de metal e o sobrolho plácido do Sr. Ashwin Ramaswamy, o chefe do Departamento de Ciência e seu único empregado, espreitando por cima da mesa onde sempre se sentava, por trás de pilhas dos seus próprios livros.

— Ele já disse alguma coisa hoje? — quase sussurrou Vivien, e Grace abanou a cabeça. O Sr. Ramaswamy era conhecido por ser muito reservado dentro da loja, o que era fácil de conseguir dadas as poucas vezes que aquele departamento era visitado. A coleção de biologia, química e outros livros de ciência estava ali guardada, pelo menos desde o tempo de Darwin, mas aquele continuava a ser o piso mais esquecido e o menos lucrativo da loja.

Com formação em Naturalismo e Entomologia, Ash Ramaswamy não parecia importar-se de estar sozinho. Pelo contrário, passava a maior parte do dia a organizar os livros de uma forma que envergonhava os outros chefes de departamento, e a espreitar por um microscópio, examinando lamelas com insetos guardadas numa caixa de madeira plana, sobre a sua secretária. Aquelas eram as criaturas da sua terra, o estado de Madras, no Sudeste da Índia. O falecido pai de Ash, um brâmane tâmil, fora um funcionário público altamente colocado no governo colonial britânico e incentivara sempre o filho a considerar as oportunidades oferecidas por uma vida na Grã-Bretanha. Ash emigrara depois da guerra, na esperança de conseguir um cargo no Museu de História Natural de Londres. Como membro da casta mais privilegiada no seu estado natal, não estava preparado para o manifesto preconceito do povo britânico em relação a ele. Incapaz de obter

sequer uma entrevista em qualquer dos museus da cidade, acabara por se empregar na loja.

— Falaste numa disposição — começou Grace a dizer, enquanto remexia na caixa dos fusíveis, com a cabeça lá dentro.

— Hum?

— Uma disposição. O Tirano. O que foi agora?

— É a Margaret Runnymede.

Grace levantou a cabeça da caixa dos fusíveis.

— O novo livro já saiu?

— A maneira como ela invade isto todos os dias de lançamento, só para ele lhe dar aquele ridículo ramo de violetas roxas a condizer com a sua última prosa roxa e lhe dizer tudo o que ela já pensa sobre si mesma, é repugnante. Hoje, ele quer que tudo na loja esteja *impecável* para ela.

Grace ergueu uma sobrancelha, olhando para a jovem.

— Só quer isso?

Vivien fez um ruído de desprezo com a garganta.

— É tão cheio de si. Como se ela alguma vez...

— Há muitas mulheres que o fazem. Que se interessam por ele, quero eu dizer. — Grace fechou a porta da caixa dos fusíveis e limpou as mãos uma na outra. — Já está.

— E ele tem plena consciência disso.

— Bem, não se pode culpá-lo. — Por muito que Grace não se importasse com o chefe de ficção, Vivien demonstrava um nível de antipatia por ele que Grace achava melhor mitigar, para bem de todos.

Voltaram a subir as escadas juntas, parando no gabinete de Grace para Vivien ir buscar a chaleira antes de seguir o seu caminho. Através do vidro que as dividia do gabinete mais afastado, ao fundo, viram o Sr. Dutton, com a sua cara de lua cheia, ociosamente sentado por trás da secretária, como que esperando que alguém lhe dissesse o que fazer. Por cima da sua cabeça pendia, ligeiramente torto, um quadro emoldurado do qual constavam as 51 regras da loja, que o Sr. Dutton formulara de imediato assim que ascendera a diretor-geral, há quase vinte anos.

— Um biscoito ou dois? — perguntou Vivien em voz alta e solícita, subitamente atarefada enquanto Grace se sentava na sua cadeira, puxando delicadamente as pregas da saia em forma de A de baixo de si.

Grace hesitou. Tinha quase 40 anos e, ultimamente, notara um ligeiro aumento de peso na zona das ancas. O marido, Gordon, também o notara. Não era pessoa para deixar passar uma coisa dessas.

Levantou um dedo com um suspiro. Vivien riu-se enquanto voltava vagarosamente para a cozinha, balançando a chaleira em movimentos largos de um lado para o outro junto a si, como se quisesse bater em alguma coisa pelo caminho.

Grace olhou à sua volta, para os papéis que lhe eram familiares, as caixas de livros e os documentos de embarque que ainda tinha de datilografar. Seria inútil começar alguma coisa tão perto da hora. Por isso, esperou.

Passados poucos minutos, ouviu o Sr. Dutton chamá-la do gabinete das traseiras, precisamente às onze horas. Pontualíssimo.

— Menina Perkins — anunciou ele, com a sua habitual formalidade. Juntava sempre o prefixo de solteira ao nome de casada dela para realçar o estatuto invulgar de Grace enquanto mãe trabalhadora. Aquele tratamento faria Grace sentir-se uma estrela de cinema (*Menina Crawford*, *Menina Hepburn*), se não conhecesse a intenção.

Pegando no bloco de notas e no lápis, levantou-se e entrou no gabinete dele pela porta aberta que o ligava ao seu.

— Bom-dia, Sr. Dutton. Correu tudo bem, espero — disse-o gentil mas firmemente, sabendo que ele não lhe responderia diretamente.

— Está uma linda manhã — disse ele, com um sorriso tão ténue que mal se via no seu rosto largo. — Espero que tenha tido um bom Ano Novo.

— E o senhor?

Ele assentiu.

— Agora, posso pedir-lhe um segundo do seu tempo?

Grace assentiu também e ergueu o bloco de notas e o lápis no ar. Já tinham desempenhado aquela rotina mil vezes. Ele percorreu a agenda do dia — apenas a sua agenda, já que todas as outras pessoas da loja trabalhavam no atendimento ao cliente — e, quando chegou à entrada das 14:30, parou.

— Uma Menina Evelyn Stone? — perguntou.

— Sim, lembra-se? Aquele telefonema estranho mesmo antes das férias. O Sr. Allen disse que a conhecia através de Yardley Sinclair, e o senhor concordou em entrevistá-la.

O Sr. Dutton limitou-se a olhar para Grace. Ela sabia que, ultimamente, a memória dele já não era a mesma, e tentou novamente avivar-lha.

— O senhor disse que era uma formalidade... por respeito para com o Sr. Sinclair. Como bom cliente da loja.

O Sr. Dutton deu umas palmadinhas no nome escrito na agenda, e depois assentiu. Era a deixa para ela se sentar e escrever o que ele ditava, redigindo rascunhos de correspondência.

Estavam na sétima carta quando ele concluiu com:

— E, embora estejamos gratos pelo bom trabalho realizado pela Broadstreet Signs Company na promoção do nosso último êxito de vendas, lamentamos informar que, de momento, temos de declinar a vossa generosa oferta de colocação de cartazes a preços competitivos. Atentamente, vosso...

Fez uma pausa e friccionou o lado direito da cabeça calva com os dedos. Grace devia ter feito uma das suas *caras*, como Gordon gostava de lhes chamar.

— Sim, Menina Perkins?

— É que... bem, acho que, ultimamente, a montra da frente tem estado um pouco pobre e, na semana passada, fui com a Viv à Foyles ver a deles, e devo dizer que fizeram um excelente trabalho.

O Sr. Dutton ficou ali sentado a olhá-la com uma das caras que também ele sabia fazer, uma estranha combinação de terror e indulgência que lhe percorria as feições arredondadas sempre que se propunha fazer algo novo. Mais ainda do que ficar atrás da Foyles, a concorrente mais invejada da loja, Grace suspeitava que o maior medo do Sr. Dutton era de que qualquer insucesso fosse, de alguma forma, atenuado por *ela*. As ideias de Grace para aprimorar a loja pareciam sempre servir apenas para o enervar.

— E... bem... pensei que, com bons cartazes como os da Broadstreet Company, pendurados do teto de forma a não tapar a vista da rua, e com estantes diferentes... mais abertas atrás, para deixar entrar a luz... poderíamos fazer uma promoção eficaz dos saldos de Ano Novo que aí vêm.

O Sr. Dutton fitava-a, simplesmente. Grace já trabalhava na Bloomsbury Books há quase cinco anos e, tanto quanto sabia, nunca um cartaz de saldos fora colocado na montra da frente, nem, aliás, em qualquer outro ponto da loja. Em vez disso, o pessoal tinha instruções para mencionar os saldos com a maior discrição, em apartes recatados e elegantes aos clientes, como se a mera noção de dinheiro não devesse ser misturada com livros.

— Há também o assunto do nosso centenário, no próximo verão — continuou Grace, perante o silêncio dele. — Nunca é cedo de mais para se começar a comemorar. Eu e a Vivien pensámos numa forma de apresentação: *Cem Anos de Livros*. Uma seleção dos principais títulos de cada década.

O Sr. Dutton era uma criatura de hábitos e regras que, devido à assustadora incerteza do futuro, não gostava de gastar tempo nem dinheiro com demasiada antecedência. Esta era uma das muitas diferenças entre ele e a sua secretária de confiança, no que dizia respeito a negócios.

— Obrigado, Menina Perkins — acabou por responder, parecendo quase magoado pelas sugestões desta. — É tudo por agora.

Era, realmente, tudo por agora. E também seria tudo pelo dia seguinte, e pelo dia depois desse. Ela continuaria a datilografar as cartas desnecessariamente longas dele, a organizar a sua abundante papelada em ficheiros alfabéticos e a ir-lhe buscar chá. Depois, iria para casa e faria uma variante do mesmo para a sua família.

Grace olhou para o fundo do corredor, para Vivien, que estava apoiada na ponta do balcão da caixa, fazendo oscilar as ancas enquanto alternava entre anotar qualquer coisa num bloco de notas verde de espiral e mastigar o lápis. Vivien estava praticamente presa atrás daquele balcão, sendo-lhe apenas permitido sair de lá ocasionalmente para ajudar os clientes. Tal como Grace, entrara para a loja precisamente quando o mundo começava a emergir das cinzas da guerra. Nessa altura, a vida parecia cheia de possibilidades e liberdade, especialmente para as mulheres, que tinham assumido as rédeas enquanto os homens estavam ausentes em combate. Era este o contrato social que fora forjado para manter o ânimo das pessoas em tempos de grande dor e sacrifício: aqueles a quem mais fora pedido seriam os que mais viriam a receber.

Mas o passado era perito em escorrer até pelas frestas mais minúsculas de um mundo fraturado. Mulheres como Vivien e Grace tinham tido esperança num recomeço para todos; mas, passados cinco anos, as novas oportunidades para as mulheres ainda eram racionadas, tal como a comida. Quem estava no poder reteria sempre qualquer oferta em excesso, levando essa atitude até ao extremo.

## CAPÍTULO 2



### •REGRA N.º 12•

Em caso de emergência, cumprir-se-ão rigorosamente os procedimentos de primeiros socorros.

**O** Tirano era Alec McDonough, um solteiro de 30 e poucos anos que geria os Departamentos de Livros Novos, Ficção e Arte no piso térreo da Bloomsbury Books. Estudara Literatura e Belas-Artes na Universidade de Bristol e preparava-se para fazer carreira em algo importante — Vivien acusava-o de querer gerir uma pequena colónia — quando a guerra se interpusera. Em 1945, depois da sua dispensa honrosa, Alec entrara para a loja exatamente no mesmo dia de Vivien. «Uma hora antes. Como um gémeo dominante», troçava ela, sempre que Alec conseguia alguma coisa primeiro.

Desde o início, Alec e Vivien haviam sido rivais, e não só pelo controlo cada vez maior do piso de ficção. Cada editor que ali entrava, cada orador literário convidado, eram uma oportunidade para eles terem acesso aos poderes estabelecidos na indústria editorial. Sendo ambos, secretamente, aspirantes a escritores, os dois tinham vindo para Londres e entrado para a Bloomsbury Books por este motivo. Mas também eram ambos suficientemente inteligentes para saberem que era aos homens com cargos cimeiros na loja — do rígido Sr. Dutton e do então chefe de ficção Graham Kingsley ao irrequieto Frank Allen e ao mal-humorado Mestre Marinheiro Scott — que tinham, antes de mais, de agradar. Neste ponto, Alec tinha uma vantagem clara e indiscutível. Entre as histórias dos campos de batalha, os liceus em comum e as vitórias passadas em partidas de críquete, Vivien via com desânimo crescente as suas perspetivas de promoção.

Claro que, em poucas semanas, Alec formou laços sólidos tanto com o

diretor-geral de longa data, Herbert Dutton, como com o seu braço-direito, Frank Allen. Em 1948, quando Graham Kingsley se reformou, Alec ascendeu ao cargo de chefe de ficção e, no espaço de um ano, passou também a supervisionar os Novos Livros e a Arte — um feito a que Vivien ainda se referia como a Anexação.

Fora ela a primeira a chamar-lhe Tirano; ele não lhe chamava nada. As objeções de Vivien a Alec iam dos títulos dispostos nas prateleiras à preferência deste por eventos literários envolvendo apenas autores masculinos que tivessem estado na guerra. Sendo também licenciada em Literatura, por Durham (em 1941, Cambridge, a universidade dos seus sonhos, ainda se recusava a conceder licenciaturas a mulheres), Vivien tinha ideias muito rigorosas e fundamentadas sobre o tipo de livros que o Departamento de Ficção devia apresentar. Como seria de esperar, Alec não concordava com elas.

— Mas ele nem sequer lê autoras femininas — lamentava-se Vivien a Grace, que assentia solidariamente, enquanto tentava lembrar-se da sua lista de compras antes de apanhar o autocarro para casa. — Quero dizer, quê... só há um livro de Jane Austen nas prateleiras? *Nem um* de Katherine Mansfield. *Nem* de Porter. Li aquele conto do Salinger que foi publicado na *The New Yorker* e de que ele não para de falar: soldados e crianças traumatizados pela guerra por todo o lado, e não vejo o que tenha *isso* de tão masculino.

Ao contrário de Vivien, Grace não tinha muito tempo para leituras pessoais, uma ironia que o marido lhe fazia notar muitas vezes. Mas Grace não trabalhava na loja pelos livros. Trabalhava lá porque a viagem de autocarro até Bloomsbury só demorava vinte minutos, podia deixar os filhos na escola pelo caminho e podia levar os jornais da loja para casa ao fim do dia. Fora Grace que sugerira que também disponibilizassem revistas importadas, especialmente a *The New Yorker*. Estando tão perto do Museu Britânico e do bairro dos teatros, a Bloomsbury Books recebia bastantes turistas americanos ricos. Grace estava convencida de que essas recordações do seu país aumentariam o tempo que eles ali passavam a ver o que havia, assim como música *jazz* no rádio junto à caixa, uma das muitas ideias a que o Sr. Dutton ainda não cedera.

Vivien e Alec geriam o piso térreo da loja juntos há mais de quatro anos, circundando-se um ao outro dentro do balcão da caixa registadora como leões desconfiados dentro de um pequeno coliseu. O balcão quadrado e fechado fora colocado no centro do Departamento de Ficção numa tentativa de esconder uma velha caixa de tomadas elétricas que sobressaía do chão. O Sr. Dutton não conseguia olhar para aquela monstruosidade sem imaginar



um processo interposto por um cliente por danos causados por um tropeço acidental. Assim que fora promovido a diretor-geral, nos anos 30, Dutton ordenara imediatamente que a área da caixa registadora fosse mudada de lugar e construída em volta da caixa elétrica.

Esta configuração acabara por ser bastante benéfica para o pessoal. Conseguia-se sempre ver um cliente vindo de qualquer direção, preparar a resposta adequada a expressões que iam do confuso ao hostil, e até detetar a entrada sub-reptícia de um livro não pago numa mala de mão. Outras livrarias tinham reparado na disposição do piso térreo da Bloomsbury Books e começado a reformular as suas próprias instalações. Neste sentido, todo o bairro estava cheio de espiões. Grace e Vivien não eram as únicas duas empregadas de livrarias que andavam por fora, analisando os arranjos das montras das outras lojas. Londres começava novamente a ser uma cidade vibrante, depois de cinco longos anos de racionamento e recuperação pós-guerra, e apareciam novas livrarias por toda a parte. Bloomsbury era o bairro do Museu Britânico, da Universidade de Londres e de muitos autores famosos, do passado e do presente, incluindo o círculo pré-guerra de Virginia Woolf, E. M. Forster e Lytton Strachey. Isto fazia daquele bairro uma localização ideal para leitores, autores e clientes.

E foi aí que, num dia de neve fraca, a 2 de janeiro de 1950, chegou a jovem Evie Stone, com o cartão de visita do Sr. Allen num bolso e um bilhete só de ida para Londres no outro.

Foi Vivien quem a viu primeiro.

A campainha da porta da frente emitiu o seu habitual som curto e metálico, enquanto o par de botas usadas da rapariga transpunha a linha que delimitava o vestíbulo interior. Com a mesma rapidez, Alec McDonough olhou para cima, e depois para baixo, do seu poleiro sobre um escadote ali perto.

A pequena figura sem chapéu não reparou nele. Em vez disso, demorou-se passando lentamente pelas mesas cobertas de livros de ficção, na parte da frente da loja. Fazia três coisas a cada livro em que tocava: primeiro, passava-lhe a palma da mão pela capa, quase em êxtase, a seguir tocava pensativamente no título e depois, com as duas mãos, erguia delicadamente o volume para examinar minuciosamente o seu conteúdo e contracapa.

Vivien parara de escrever no bloco de notas e estava agora a mastigar distraidamente o lápis, observando a jovem com interesse. Esta tinha o cabelo curto e mal cortado e olhos escuros e penetrantes, que fitavam intensamente,

com um campo estreito de visão. Não parecia ser da cidade, mas também não parecia totalmente deslocada.

Moveu-se metodicamente na direção do balcão, enquanto Vivien se apoiava nele com indolência, de uma forma que muito irritava o Sr. Dutton. Quando a rapariga chegou, finalmente, ao balcão, Vivien pousou o lápis.

— Olá.

Vivien ergueu a sobrancelha direita.

— Olá — respondeu devagar, e esperou.

A rapariga pousou a mão direita enluvada na beira do balcão e, silenciosa e conspirativamente, empurrou para a frente um pequeno cartão branco.

Vivien inclinou a cabeça para a direita antes de pegar no cartão. Surpreendentemente, pertencia a Frank Allen, do Departamento de Livros Raros.

— Sou a Evie Stone — disse a rapariga, à laia de explicação.

Vivien observou-a, impressionada pelo contraste entre a aparência simples da rapariga e aquele olhar profundo e intenso.

— Receio que o Sr. Allen esteja fora hoje e amanhã, numa venda de património. Espero que não tenha vindo de longe.

A rapariga abanou a cabeça, insistentemente.

— Sou a *Evelyn* Stone. Para falar com o Sr. Dutton.

— Ahh — exclamou Vivien, simpaticamente, fazendo Alec olhar de cima do escadote, ao ouvir a sua voz animar-se, uma vez na vida. — Estou a ver. Então, tem uma marcação?

Evie inclinou a cabeça para a direita, como que temendo que ninguém tivesse sido informado da sua vinda.

— Se esperar aqui, vou chamá-lo.

A figura esguia de Vivien passou por uma pequena porta articulada na parte de trás do balcão e por um longo corredor, antes de desaparecer num gabinete envidraçado, nas traseiras. A seguir, a cabeça de Grace emergiu desse mesmo gabinete para espreitar pelo corredor, e também ela desapareceu de vista. Poucos segundos depois, Vivien reapareceu, aproximando-se de Evie como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Lamentamos imenso, ele estava, realmente, à sua espera. Eu acompanho-a. — Vivien fez sinal à rapariga para que a seguisse. — Posso pegar no seu casaco?

A rapariga declinou a oferta, embrulhando-se mais no casaco de lã num gesto levemente nervoso, que Vivien achou encantador.

Depois de confiar a jovem a Grace, Vivien regressou ao seu posto no

balcão da caixa, onde, agora, encontrava Alec. Este estava apoiado no balcão da mesma forma descontraída pela qual ela era tantas vezes repreendida. O Sr. Dutton não parecia importar-se tanto se fosse um homem a fazê-lo. Esperava-se das raparigas da loja que se comportassem com elegância, e dos homens que fossem agradáveis e acessíveis.

— Sim? — perguntou ela, bruscamente.

— Quem era *aquela* coisinha singular?

Vivien suspirou e pegou no lápis. Tinha sempre de levantar os olhos para Alec, o que lhe desagradava. Ninguém devia ser assim tão alto.

— Uma Menina Evie Stone para falar com o Sr. Dutton, se tens de saber.

— Para quê?

Vivien voltou a pousar o lápis e fez um ruído exasperado.

— Por causa de um emprego, parece. A Grace disse que era uma recomendação do Yardley Sinclair. O diretor de serviços museológicos, na Sotheby's? É um nome suficientemente sonante para ti?

Alec fez um sorriso afetado em resposta ao dela.

— Com certeza não para atendimento ao cliente, julgo eu. Não parece ter mais de 16 anos, se tanto.

— Não te preocupes, Alec. Estou certa de que ela não tem qualquer interesse no teu *domínio*.

Alec ia responder qualquer coisa quando se ouviu um estranho grito. Todas as cabeças na livraria se levantaram dos livros e Alec agarrou o braço de Vivien, alarmado.

— Meu Deus! — exclamou Alec. — Foi a Grace?

Correu em volta do balcão para abrir a porta articulada a Vivien, e depois precipitaram-se juntos pelo corredor. Aí, encontraram Grace de pé, do lado de fora do gabinete do diretor-geral, imóvel, tapando a boca com a mão.

Lá dentro, o Sr. Dutton estava caído no chão, com o rosto e o corpo rígidos como uma tábua. Evie Stone encontrava-se ajoelhada ao lado dele.

— Mas que raio... — Alec fez menção de se aproximar do diretor, mas Evie levantou a mão esquerda para o deter.

Nesse momento, o Sr. Dutton começou a ter convulsões, agitando violentamente os braços e as pernas.

— Chamem uma ambulância — disse Evie, calmamente, a Grace enquanto desapertava o nó da gravata dele. — E não se aproximem.

Grace ficou ali parada à porta, juntamente com Alec e Vivien, os três atônitos com a figura que agora se contorcia no tapete esfiapado, a seus pés.

— Já! — gritou Evie.

Grace deu, finalmente, um salto, e, em pânico, correu para o telefone sobre a secretária, enquanto Alec, que se mantinha à porta, atrás de Vivien, gritou:

— Ponha-lhe alguma coisa... ponha-lhe alguma coisa na boca... um livro, ou...

A jovem abanou a cabeça.

— Não — respondeu, com firmeza. — Não se aproximem. — Levantou os olhos e fez um sinal com a cabeça na direção da grande mesa antiga onde o Sr. Dutton revia a sua abundante correspondência. — E afastem a secretária. Já! Antes que ele bata nela!

Alec avançou e empurrou a secretária de canto com força, no preciso momento em que Grace desligava o telefone.

— Pobre homem... estão a caminho. Como... como foi que...

A jovem levantou novamente a mão esquerda para cortar a palavra a Grace. Os três empregados só podiam ficar ali de pé, a olhar, impotentes, enquanto Evie pousava a mão direita no peito dele.

— O ritmo cardíaco está bastante lento.

— Grace — perguntou Alec —, ele disse alguma coisa, antes disto? Fosse o que fosse? Sabia disto?

Grace abanou a cabeça, com a mão novamente suspensa e trémula a tapar a boca.

— Tinha acabado de ir ao médico, é tudo o que sei. Espere... — Abriu a gaveta de cima da secretária e vasculhou-a, depois correu para o bengaleiro e meteu as mãos nos bolsos da gabardina dele. — Oh, espere, há aqui qualquer coisa...

Tirou de lá um pequeno frasco de medicamentos, para que todos o vissem.

— Fenitoína — leu, em voz alta.

— Chamem o Ash — gritou Vivien. — Ele que traga o dicionário médico! Alec deitou-lhe um olhar e depois correu para as escadas das traseiras.

— As convulsões pararam — anunciou subitamente Evie.

As três mulheres viram os olhos redondos do Sr. Dutton começarem a pestanejar, e depois o resto das suas feições faciais descontraíram-se gradualmente.

Alec voltou com Ash Ramaswamy, que segurava um grosso dicionário médico.

— É fenitoína... para a epilepsia... não é, menina? — perguntou a Evie. — O ritmo cardíaco está baixo?

Evie estava a olhar tão abertamente para Ash que todos os que ali se

encontravam ficaram, subitamente, desconfortáveis. Vivien perguntou-se se Evie nunca teria visto um indiano, e depois sentiu uma espécie de vergonha por ter pensado tal coisa.

— Sim, bastante baixo — acabou Evie por responder, mas Ash não pareceu notar a sua hesitação nem as suas faces coradas. Em vez disso, parecia igualmente pasmado por a ver ali.

— Então ponha-lhe alguma coisa por baixo da cabeça, menina, para lhe alinhar a coluna com o maxilar.

Todos observaram enquanto Evie se apressava a tirar o casaco de malha azul e a colocá-lo delicadamente debaixo da cabeça do Sr. Dutton; lentamente, ele recuperou a consciência.

— Está tudo bem, senhor, foi só um pequeno ataque. — Evie deu-lhe umas palmadinhas na mão, como se estivesse a tentar consolar um pequeno animal ou uma criança, o que só pareceu aumentar a vergonha de Dutton pelo estado em que se encontrava.

Todos viram, com alívio, Evie ajudar o Sr. Dutton a apoiar-se no cotovelo direito.

— O seu ritmo cardíaco está baixo, senhor. Por favor, não se mexa — instou-o Evie.

Ao ouvir aquela voz desconhecida, um Sr. Dutton atordoado virou-se e viu a sua entrevistada de joelhos a seu lado.

— Lamento imenso. Que horror para si. Que horror para todos vós.

Evie fez o primeiro sorriso que algum deles lhe via desde que chegara.

— Não se preocupe comigo, senhor.

— Sim — disse Vivien da porta, sem tirar os olhos da fachada da loja, onde a campainha tocou, anunciando a chegada dos auxiliares médicos. — Não há dúvida de que a Menina Stone lidou melhor com a situação do que qualquer um de nós.

Vivien afastou-se para o lado enquanto os dois auxiliares corriam pelo corredor com uma maca e começavam a prestar assistência ao Sr. Dutton, que ainda estava a descansar no chão. Alec voltou à parte da frente da loja, para atender os poucos clientes que aí se encontravam, Ash retirou-se para a cave e Vivien, Grace e Evie permaneceram agrupadas no corredor.

Lembrando-se de como toda aquela situação devia ter sido difícil para a visitante, Grace ia perguntar se Evie queria uma chávena de chá quando uma voz tonitruante trovejou pelas escadas que levavam ao piso de cima, aquelas a que Vivien chamava, jocosamente, Via Dolorosa.

— Que diabo é toda esta algazarra?